

**POLLYANNA:
DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO
NA TRADUÇÃO DE MONTEIRO LOBATO**

Ana Lúcia Segadas Vianna Abreu (UFF)
anasvabreu@gmail.com

1. Introdução

Esse trabalho tem como objetivo incentivar o tradutor a conhecer o trabalho de Monteiro Lobato. Visa apresentar, o homem nacionalista, que se destacou com suas inovações nos setores da editoração, tradução e produção de obras literárias.

Além disso, vamos apresentar os dois processos *domesticação* e *estrangeirização*. Geralmente, uma leitura agradável ocorre quando há identificação do leitor com o texto.

Para entender melhor o estilo de Monteiro Lobato objetiva-se analisar uma de suas traduções *Pollyanna*, logo, vamos apresentar um resumo da obra de Eleanor H. Porter, escrito em 1913 e traduzido, em 1934, por Monteiro Lobato.

Portanto, analisaremos *Pollyanna* e mostraremos a presença ou não dos processos *domesticação* e *estrangeirização* nessa tradução e dados que comprovem seu estilo nacionalista. Além disso, mostraremos também exemplos de diminutivos e jargões usados por Lobato, próprios de uma época nacionalista.

Apesar de toda genialidade de Lobato, essa pesquisa vai mostrar alguns lapsos na sua tradução.

O processo tradutório envolve o conhecimento de duas línguas, por conseguinte, duas culturas. Vamos apresentar fragmentos que evidenciem traços culturais. Por fim, a pesquisa apresenta alguns conselhos que Monteiro Lobato deixa aos tradutores.

2. Monteiro Lobato – Um homem nacionalista

O início da carreira de Monteiro Lobato coincidiu com o movimento modernista. Uma das características da literatura moderna é a inserção da oralidade e coloquialismo no texto literário. Lobato se destacou por ter apresentado nas suas traduções uma literatura mais dinâmica, leve, fácil e fluente. Segundo Martinez (2008, p. 3) “Lobato assumia a postura antropofágica dos modernistas em relação à sua estratégia tradutória: a de apropriar-se do original estrangeiro e adaptá-lo à realidade e às necessidades do público brasileiro”.

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté (SP) em 18 de abril de 1882. Em 1924, ele fundou a editora Monteiro Lobato e Cia. E em 1925, surgiu a Companhia Editora Nacional. Sua consolidação só ocorreu em 1930, quando as forças nacionalistas derrotaram a República Velha e Getúlio Vargas assumiu o poder. Logo, com melhor poder aquisitivo da população, ocorreu um aumento substancial na aquisição de livros, por conseguinte, o período entre 1930 e 1950, ficou conhecido como a *era de ouro* da indústria editorial e da tradução no Brasil.

Em 1930 e 1931, ocorreu uma desvalorização da moeda vigente, o mil-réis, que provocou a redução do número de livros importados. Em contra partida, traduções aumentaram. Mesmo com um alto índice de analfabetos no Brasil, Lobato, em 1937, conseguiu vender um milhão e duzentos mil exemplares de suas obras.

Com a percepção de que faltavam livros dedicados ao público infantil, em 1920, lançou a primeira versão de *A menina do narizinho arrebitado*. Em 1921 nasce *O saci* e, o mundo pitoresco do *Sítio do Pica-pau Amarelo* vai surgindo bem devagar e sem esforço, Tudo é descrito modo vivo e rápido.

Monteiro Lobato salientou a importância que o Brasil deve dar a sua própria cultura. Lobato almejava fortalecer a cultura nacional por meio de novidades provenientes das culturas estrangeiras. Wyler (2003) cita que as traduções de Lobato incluem Alberto Einstein, George Gamow, Edgar Rice Burroughs, Eleanor Porter, Van Loon, Scholem Asch etc. Lobato também adaptou clássicos como *Dom Quixote*, *Alice no País das Maravilhas*, *Contos dos Irmãos*

Grimm e de Andersen e muitos outros. Foram mais de cem obras traduzidas.

Campos (2009, p. 72) ressalta:

O projeto tradutório de Lobato, ainda que não envolvesse uma renovação linguística, teve grande impacto cultural no Brasil, uma vez que novos temas, personagens e ideologias estrangeiras perpassaram suas traduções, representando uma renovação do contexto literário nacional.

Em 1929, Lobato arrisca sua fortuna na Bolsa de Nova Iorque, mas perde tudo com o *crack* de outubro. Depois, em 1930, vende suas ações da Companhia Editora Nacional e perde de novo. Em 1936, publicou *O escândalo do petróleo*, no qual narrava os problemas enfrentados ao tentar modernizar o país. Apesar do sucesso de público, foi visto como uma ameaça ao governo que, proibiu sua distribuição. Já em 1944, funda a Editora Brasiliense que publicará toda a sua obra. Seus livros também foram traduzidos na Argentina. Infelizmente, o pioneiro na editoração, Monteiro Lobato morre em oito de junho de 1948.

Wylter (2003, p. 118) relata:

De todos esses escritores-tradutores, Lobato foi o mais prolífico e polêmico por suas posições na política, na indústria, nas traduções e na literatura para adultos e crianças. Lutou contra o analfabetismo e a favor do petróleo brasileiro, renovou a editoração, produção, ilustração e distribuição de livros.

3. *Domesticação e Estrangeirização*

O significado de um texto estrangeiro e de um texto traduzido não será exatamente o mesmo já que eles envolvem intenções e contextos diferentes. Segundo Venuti (2002, p. 120) “a tradução imita os valores linguísticos e literários de um texto estrangeiro, mas a imitação é moldada numa língua diferente que se relaciona a uma tradição cultural diferente”. Logo, é preciso entender melhor os processos: *domesticação* e *estrangeirização*.

A domesticação visa à facilitação da leitura, com eliminação de elementos que possam prejudicar o entendimento. Esse processo está diretamente ligado à redução do texto estrangeiro em detrimento dos valores culturais da língua-alvo.

Ainda sobre o processo tradutório Venuti (2002, p. 148) revela:

A tradução forma sujeitos domésticos por possibilitar um processo de *espelhamento* ou autorreconhecimento: o texto estrangeiro torna-se inteligível quando o leitor ou a leitora se reconhece na tradução, identificando os valores domésticos que motivaram a seleção daquele texto estrangeiro em particular, e que nele estão inscritos por meio de uma estratégia discursiva específica.

Já a estrangeirização, segundo Campos (2009, p. 70), “privilegia o contexto fonte, ou seja, o leitor é levado até o texto pela manutenção de características linguístico-culturais do texto-fonte.”

Um fator que favorece a estrangeirização é a oportunidade de se conhecer novas culturas. Assim, quanto mais se evidenciar a estrangeiridade do texto, maior a oportunidade de se desenvolver um público-leitor mais aberto às diferenças linguísticas e culturais.

Com relação ao ideal de Monteiro Lobato, é possível afirmar que ele era mais a favor do processo da domesticação. Na verdade, o objetivo do tradutor nacionalista não era de substituir a cultura nacional pela estrangeira, mas o de fortalecer a primeira por meio das novidades oriundas da segunda.

4. Pollyanna de Eleanor H. Porter

Pollyanna é considerado um clássico da literatura infanto-juvenil, publicado, nos Estados Unidos, em 1913, tornou-se um *best seller*. Traduzido em várias línguas, nunca mais parou de ser lido. No Brasil, traduzido por Monteiro Lobato, foi publicado pela primeira vez em 1934. *Pollyanna* apresenta uma história de amor, fraternidade, esperança, otimismo, fé e superação.

Pollyanna Wittier é uma pequena órfã que aprendeu com o pai a ser otimista e permanecer sempre contente. Tudo começou, em um natal, quando ela pediu ao pai que lhe trouxesse de presente uma boneca. Mas, em lugar da boneca, veio, na barrica do missionário, um par de muletas. Foi então que ela aprendeu o *jogo do contente*, que consiste em encontrar algo para se estar contente, em qualquer situação vivenciada. O pai ensinou-lhe ver o lado bom dos aconteci-

mentos, por exemplo, ficar contente porque a menina não precisava das muletas.

Após a morte do pai, Pollyanna vai viver em Beldingsville, na casa da tia Polly que era uma mulher rancorosa, fria e que se preocupava apenas com os deveres de tia e não com os sentimentos. Mas sua indiferença não consegue afetar o espírito radiante da menina. Pollyanna trás alegria para a sombria casa da tia Polly e para muitos personagens da cidade.

A menina joga e ensina os outros a jogar. Ela irradia todos os ambientes, leva carinho para todas as pessoas ao seu redor. Difícil era convencer a tia Polly de participar do jogo. Até que um dia, uma tragédia surpreende a menina. E, em um acidente de carro, ela fica paraplégica. Incapaz de encontrar algo que a faça contente, Pollyanna mobiliza todos os moradores de Beldingsville que precisam ser participarem do *jogo do contente*.

5. Pollyanna e a tradução de Monteiro Lobato

Monteiro Lobato não se prendia a detalhes, por exemplo, Porter (2009, p. 5) narra, “*Nancy had been working in Miss Polly’s kitchen only two months, but already she knew that her mistress did not usually hurry*”. Na tradução, Lobato (1967, p. 7) relata “Nancy, que lavava pratos na pia, apesar de nova na casa, já sabia do sossego da patroa”. Ele só passa a informação “dois meses”, oito parágrafos depois, quando a autora reitera a informação: “Foi então que se empregou na casa de Miss Polly Harrington, da velha família Harrington e uma das mais ricas senhoras da cidade. Isso dois meses antes”.

Sua tradução é bem natural e direta. Logo, a leitura é mais fluente, por exemplo, Porter (2009, p. 5) narra “*Nancy flushed miserably. She set the pitcher down at once, with the cloth still about it, thereby nearly tipping it over – which did not add to her composure!*”. Já Lobato traduz “Nancy corou e largou dos pratos”. Outro exemplo que mostra que Lobato omite detalhes está ainda na p. 5 “[...] *but a sick mother suddenly widowed and left with three younger children besides Nancy herself, had forced the girl into doing something toward their support [...]*”; já a tradução é “[...] até o dia

em que seu pai morreu e sua mãe, adoentada, fez-lhe ver que tinha que ganhar a vida”.

E o texto “*Of course I don’t know how much red carpet a trunk could buy, but it ought to buy some, anyhow – much as half an aisle, don’t you think I’ve got a little thing here in my bag that Mr. Gray [...]*” (2009, p. 15) não é traduzido por Lobato. Logo, a tradução, na p. 17, fica assim “A Auxiliadora feminina me deu esse presente – não foi gentil? Eu tenho aqui na minha bolsa um papel que Mr. Gray me entregou”.

5.1 Diminutivos e jargões no trabalho de Monteiro Lobato

Nos fragmentos, “*Pollyanna skipped gleefully*” (2009, p. 27) e “Pollyanna saltou para o chão, com agilidade duma veadinha” (1967, p. 29), houve liberdade do tradutor em dinamizar a ação, usando a figura de linguagem comparação, que não há no original. O tradutor para se aproximar do leitor infantil usa linguagem mais coloquial e também diminutivos que transmitem afetividade e são próprios da linguagem dos pequeninos. Por exemplo, podemos ver nos fragmentos: “*We’ve played it always, ever since I was a little, little girl, told the Ladies’Aid, and they played it –some of them*” (2009, p. 28) e na sua tradução “Em casa brincávamos disso, desde que eu era assinzinha. Depois ensinei-o às damas da Auxiliadora elas também brincavam de ficar alegres”.

Ainda evidenciando o estilo natural e criativo de Lobato, podemos observar o texto “*Was she not specially bound to play the game, now that Aunt Polly was playing it, too? And Aunt Polly found so many things to be glad about!*” (2009, p. 171) e sua tradução “Quanto não valia, por exemplo, poder agora jogar o famoso jogo até com sua tia? E como Miss Polly sabia inventar ‘contentezas’ lindas!” (1967, p. 171). Lobato também se dava ao direito de simplesmente não traduzir alguns textos como este “*It was Aunt Polly, too who discovered the story one day about the two poor little waifs in a snow-storm who found a blown-down door to crawl under, and who wondered what poor folks did that didn’t have any door!*” (1967, p. 171). Nesse episódio, no original, Pollyanna conta duas histórias que a tia

relatou sobre pessoas que ficaram alegres. Mas a primeira, citada acima, fora omitida por Lobato.

A presença do diminutivo também aparece na tradução da frase “*Who is she*” (2009, p. 88) que tem a seguinte tradução: “- Quem é aquela criaturinha?” (1976, p. 90). Na tradução, vemos uma linguagem mais fluente e adaptada ao diálogo. Usando o diminutivo, ele expressa mais afetividade entre os personagens.

Lobato também adaptou o título do capítulo VII, p. 39 “POLLYANNA AND PUNISHMENTS” para “AS PUNIÇÕES DE MISS POLLY” (2009, p. 42). Neste caso, a tradução ficou mais explicativa. Já a frase, da p. 45, “*Well, I can’t say I do – all of’em, retorted Nancy, tersely*” é traduzida por Lobato, na p. 48, assim: “- Eu - eu não sei se gosto, ou antes, gosto e não gosto. De muita gente não gosto, respondeu ela, querendo dizer que tudo dependia das suas simpatias e antipatias”. Neste ponto, Lobato não se preocupou em expandir a tradução, havia necessidade de melhorar a expressão de dúvida que Nancy transmitia.

5.2 Alguns lapsos da tradução de Lobato

Apesar da genialidade, Lobato cometeu pequenos lapsos na tradução. Por exemplo, o fragmento da p. 45 “*Nancy, in the kitchen, fared better. She was not dazed nor exhausted. Wednesday and Saturdays came to be, indeed, red letter days to her*” foi traduzido, na p. 47, desta forma: “Já na cozinha Nancy não queixava do mesmo; não tonteava, nem se exauria. Quinta e sábado eram, ao contrário, um encanto para a boa rapariga”. Lobato troca o dia quarta-feira por quinta-feira. Mas a troca do dia não altera de forma significativa a mensagem do original.

No episódio da p. 47, “[...] *it was the duty of all the church members to look out for her, of course. Miss Polly did her duty by Mrs. Snow usually on Thursday afternoos – not personally, but through Nancy*”, o equívoco persiste, conforme a tradução da p. 49, “[...] todos os membros da igreja tinha o seu dever. Miss Polly cumpria o seu todas as tardes de terças-feiras [...]”. Ele troca quinta-feira por terça-feira. Além disso, no fragmento da p. 47 “*Even the days of the week ain’t run ter her mind. If it’s Monday she’s bound ter say she*

wished 'twas Sunday; and if you take her jelly [...]” há inversão do dia da semana, segundo a tradução “Mrs. Snow jamais está contente com coisa nenhuma. Nem com os dias da semana. Se é segunda-feira, ela se lamenta de que não seja quarta; se a gente lhe leva geleia [...]”. Mas são detalhes que não afetam a mensagem.

Porém, no fragmento da p. 68 “*Silly! As if I'd be a-huntin' for it – if I knew!*”, Lobato traduz “–Boa! Se eu estou procurando um lugar, como poderei saber onde é?”, o tradutor traduziu *silly* por boa, entretanto, o fato de o menino ter chamado Pollyanna de boba mexeu um pouco com os sentimentos da menina, que não gostou de ter sido chamada de tola. Isso é visto em seguida: “Pollyanna desapontou um bocado. Não era amável o menino, pois que lhe chamara boba”. Nesse ponto houve incoerência na tradução de Lobato.

Ainda comentando sobre problemas na tradução, o texto “*First came Mr. John Pendleton without his crutches today*” (2009, p. 157), fica “Mr. Pendleton veio outra vez e ainda de muletas” (1967, p. 157). A tradução mostra que Mr. Pendleton ainda estava de muletas. Essa informação errônea é novamente apresentada mais adiante “Miss Polly ficou na soleira da porta, imóvel, a olhar atônita para o homem que lá se ia apoiado nas suas muletas”. (1967, p. 158). Mas no original o texto é apresentado da seguinte forma: “*In the middle of the floor Miss Polly stood, silent and amazed, still looking after the man who had just left her*”.

6. Cultura

A tradução é muito importante como atividade complexa de troca cultural. Analisando *Pollyanna*, um diálogo que mostra pontos em comum das culturas do texto original e do traduzido é o seguinte: “*Pollyanna knew that the Ladies's Aid met a two o'clock in the chapel, not quite half a mile from home. She planned her going, therefore, so that should get there a little before three*”. (2009, p. 74), na tradução “A reunião ia realizar-se às duas horas, na igreja do bairro [...], além disso, duas horas sempre quer dizer três – lá na Auxiliadora Feminina” (1967, p. 76). Observa-se que o atraso para os encontros, pela tradução, é visto como um fato natural reconhecido pelas duas culturas.

Em outros momentos, Lobato usa o termo *diabrete* para referir-se à menina sapeca, como, por exemplo, “*Pollyanna was still revolving round and round her aunt*”. (2009, p. 97), já traduzido ficou assim: “O diabrete continuava voltear-lhe em redor”. (1967, p. 97). E a frase “*Pollyanna only chuckled the more greefully. With trembling fingers she was draping about her aunt’s shoulders the fleecy folds of a beautiful lace shawl [...]*” é traduzida assim “O diabrete ria-se, ria-se e com dedos ágeis ajeitava sobre os ombros de Miss Polly um lindo xale de renda [...]” (1967, p. 100).

Em sua análise comparativa da tradução de Monteiro Lobato junto à de Paulo Silveira, Máximo cita:

A menina lobatiana faz festas e se surpreende com os cachinhos negros da tia. Por isso, pede acirradamente para penteá-la, corre ao quarto e fica esperando a tia. Lobato emprega dois termos nesta passagem que denunciam o ambiente brasileiro criado por ele para a tradução de Pollyanna. O termo ‘diabrete’ e ‘minha alma’ traduzem o emprego de termos de uma época em que Lobato preocupava-se em ser nacionalista e isto tende a marcar a personagem, algo que não notamos em Paulo Silveira. (2004, p. 49)

7. *Alguns conselhos de Monteiro Lobato ao tradutor*

Monteiro Lobato foi um tradutor original, que tinha liberdade de adaptar suas traduções. Não somente adaptar, mas tornar a leitura do texto traduzido mais fluente, dinâmica e que possa estimular o leitor à imaginação.

Lobato tinha preferência por frases simples, em ordem direta. Na verdade, para atingir seus projetos ambiciosos de popularização da literatura, ele deveria facilitar a leitura, omitindo o que ele considerava excesso.

Em uma das cartas enviadas por Lobato ao amigo tradutor Godofredo Rangel, Lobato aconselhava-o a não se prender ao original em matéria de forma, mas só em matéria de fundo. Logo, sua preferência pela língua nacional só reitera sua opção por uma postura domesticante.

Venuti (1998) alerta que a atividade do tradutor é dupla, ou seja, ele precisa estabelecer uma equivalência lexicográfica para um

texto conceitualmente denso e também manter seu caráter estrangeiro de modo inteligível para o público leitor doméstico.

Milton (2003, p. 10), por exemplo, afirma:

Nenhuma tradução, única abordagem ou estratégia é susceptível de ser suficiente – seja literal ou livre, *domesticating* ou *foreignizing*. Em vez disso, como mostram os tradutores irlandeses, várias estratégias devem ser implantadas e máximas flexibilidades táticas mantidas, como a fim de responder mais eficazmente ao contexto cultural imediato.

8. *Considerações finais*

Entre 1930 e 1950 ocorreu grande aumento das traduções no Brasil e Monteiro Lobato vivenciou a *era do ouro* da editoração. Lobato inovou em termos de apresentação visual e com a imediatez da narração. Em suas obras, tudo é descrito de forma viva e rápida. Ele almejava abrigar a linguagem, fortalecer a cultura nacional, por meio de novidades provenientes das culturas estrangeiras.

É importante entender que o significado de um texto estrangeiro e de uma tradução não será exatamente o mesmo, já que eles envolvem intenções e contextos diferentes. Com relação aos processos *domesticação* e *estrangeirização*, entendemos que o primeiro envolve a valorização da cultura do texto traduzido e o segundo a manutenção dos valores presentes no texto fonte.

Entretanto, uma tradução que não permite o *espelhamento* acaba gerando uma negação da obra estrangeira devido o leitor não se identificar com a tradução. Já o que favorece a estrangeirização é a oportunidade de conhecer novas culturas. Esse processo permite que se desenvolva um público mais aberto às diferenças linguísticas e culturais.

A análise de *Pollyanna* permitiu constatar que Monteiro Lobato tem realmente uma postura domesticante. Ele apresenta uma narrativa leve e com humor. Sua tradução é mais dinâmica, já que ele não se prende a detalhes.

Observou-se a presença de jargões e diminutivos em sua tradução. Assim, o tradutor se aproxima do seu leitor, usando lingua-

gem coloquial. Também o uso de diminutivos transmite maior afetividade e são próprios das crianças.

A análise mostrou alguns deslizes na tradução de Lobato. Em alguns fragmentos, ele traduz errado os dias da semana. Mas a troca dos dias não altera de forma significativa a mensagem do original. Já na troca de *silly* por *boa* há leve incoerência.

Lobato usou verbetes próprios da nossa cultura. Deste modo, possibilita uma leitura mais fluente. Há também alguns pontos em comum das culturas do texto de origem e de destino.

Ao tradutor cabe equilibrar os dois processos *domesticação* e *estrangeirização*. Ele poderá tornar a leitura de seu trabalho mais fluente, permitindo a identificação do leitor e apresentar ao público-alvo diferentes culturas e linguagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, C. O pensamento e a prática de Monteiro Lobato como tradutor. *IPOTESI – Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 67-79, 2009. Disponível em: <<http://www.revistaipotesi.ufjf.br/ipotes21.html>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2010.

HORNBY, A. *Oxford-Advanced Learner's Dictionary of current English*. 7. ed. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOUAISS, A.; CARDIM, I. *Dicionário universitário*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KOSHIYAMA, A. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário*. São Paulo: Queroz, 1982.

LOBATO, M. *Traduções*. Porto Alegre: Correio do Povo, 1933.

MARTINEZ, L. Monteiro Lobato: Tradutor ou adaptador. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 4, p.1-17, 2008. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.pucio.br/trad_em_revista.php?strSecao=input>. Acesso em: 13 jan. 2010.

MAXIMO, G. *Duas personagens em uma Emília nas traduções de Monteiro Lobato*. 2004. 122 f. Dissertação (mestrado em Linguística

Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP, 2004.

MILTON, J. Monteiro Lobato e tradução: “um país se faz com homens e livros”. *DELTA* - Documentação de Estudos em Teórica de Linguística e Aplicada, São Paulo, n. 19, p. 117, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_text&pid=S0102-44502003000300008>. Acesso em: 13 jan. 2010.

NUNES, C. *Monteiro Lobato – O editor do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

PORTER, E. *Pollyanna*. Cassia Press, 2009.

PORTER, E. *Pollyanna*. Tradução de Monteiro Lobato. 36. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1967.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução*. São Paulo: EDUSC, 2002.

WYLER, L. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.